

## ESTA' SALVA A "FACE"?

---

Li, mas sem nenhum espanto, a resposta do prof. Davies às críticas por mim formuladas ao seu recente ensaio vespuciano (1). Sem espanto, porque o fato dêle se ter esquivado a responder a qualquer contestação indica claramente o "método" — se assim se pode chamar — que êle parece seguir e cujo paradigma encontramos, em substância, em seu predecessor Levillier. E da mesma forma que Levillier, em réplica a outro artigo meu, se limitou a repetir tudo quanto dissera como se fôra texto bíblico (2), assim também Davies repete o conteúdo de seu artigo sem acrescentar absolutamente nada de novo, exceto alguns disparates.

Ou melhor, de novo há somente isto: um certo assômbro por ter seu ensaio sete páginas e minha crítica vinte e oito; como se a *Revista* estivesse interessada em lhe medir o espaço, ou me pudesse desagradar uma sua réplica de 28 x 4 páginas! Mas, esteja descansado!

De resto, da réplica de Davies não se aproveita nada; nada que não sejam afirmações gratuitas e palavreado sem utilidade. Afirma, é verdade, que eu teria "interpretado mal" os pormenores de sua "teoria", mas busco ainda uma explicação e agora já não tenho esperanças de encontrá-la. E, como de costume, renascem as conhecidas e inconsistentes negações da "tese" do nosso Magnaghi, que tenho a pretensão de aprovar mas cujos argumentos, repete Davies, "não convenceram muitos estudiosos".

Em meu artigo apresentei a Davies objeções precisas e claramente formuladas; será suficiente lembrar apenas algumas, à guisa de exemplo:

1. Como se concilia a "congruência" recíproca de tôdas as fontes epistolares vespucianas, ainda uma vez proclamada por Davies, com a falsificação que depois êle é obrigado a atribuir a Vespúcio, falsificação das duas primeiras viagens?

- 
- (1). — Cf. A. B. Davies, *The "first" voyage of Americo Vespucci*, in "Geogr. Journal", CXVII (1952), pp. 331-337 e meu artigo: "Mês hervas daninhas no horto vespuciano", nesta *Revista*, IV (1953), pp. 351-382.
- (2). — Cf. R. Levillier, *A propósito de Vespúcio — Crítica ou sabotagem?*, nesta *Revista*, IV (1953), pp. 383-425. A tal réplica respondi exaustivamente.

2. Como se pode dar crédito às afirmações de um autor de quem se admite a evidente má fé? (3).

3. Como se pode definir *harmless deception* (fraude inofensiva) como engano premeditado, destinado a prejudicar um concorrente, não importa fôsse Colombo ou Pacheco? (4).

4. Se as duas viagens da *Lettera al Soderini* são traços de uma única viagem autêntica, em qual das duas se reflete essa viagem autêntica: na “primeira” ou na “segunda”?

5. De onde teria partido a “primeira” viagem? Do Cabo São Roque? Mas, neste caso, não teria o leitor percebido que essa era simplesmente a rota da “segunda”?

6. Como se pode harmonizar semelhante absurdo com o estilo das cartas de Vespúcio, pelo menos aquelas que consideramos as únicas autênticas?

7. Como se concilia a posição indicada no Cabo la Vela com a reconstrução do “roteirinho” de marcha que elaborei, restringindo-me escrupulosamente ao texto da *Lettera*?

8. Supondo, e não aceito, que a fantasia de Davies fôsse realidade, como pode ter qualquer efeito prático a *Lettera* — datada

- 
- (3). — Bastaria esta aceitação para evidenciar a necessidade de resolver, fora de qualquer compromisso episódico, o problema das relações entre as cartas “florientinas” de Vespúcio — as três, indubitavelmente, autênticas de 1500-1501 e 1502 e aquelas impressas nos primeiros anos do século XVI, assim como o fragmento Ridolfi.

A posição assumida por Levillier e Davies nesse problema faz lembrar a do doente que, embora ciente de sua enfermidade, queira se iludir a qualquer preço de que está perfeitamente são, fechando os olhos à realidade e vendo, em cada manifestação do mal, uma prova de... sua saúde!

- (4). — Objeção esta que Davies conhece perfeitamente e que por isso mesmo tenta contornar, recorrendo a eufemismos que escondem um verdadeiro equívoco. Na realidade, eis o que escreve, repetindo também aqui coisas do artigo publicado no “Geographical Journal”: “o máximo de que Vespúcio pode ser acusado em sua *Lettera al Soderini* escrita de Lisboa, é de ter pré-datado sua viagem de 1499 de dois anos”, p. 199. Parece-nos que isso seria suficiente para considerá-lo um extraordinário embrulhão, mormente quando, em seguida à denúncia da tal “*harmless deception*”, se acrescentam estas palavras: “Isto certamente (?) não foi feito para pretender uma prioridade sobre Colombo, pois na Espanha êle não revelou essa pretensão e tratava-se de dois grandes amigos”. Muito interessante isto também! Tizio afirma publicamente — assinando uma carta com o próprio nome — que Caio é um saltador e depois se desculpa, asseverando que Caio é um de seus melhores amigos e que aquela asserção tinha valor somente fora da cidade onde ambos moravam! Na Itália há um provérbio que diz: “pior a emenda do que o soneto”!

E como se não bastasse, Davies prossegue: “Vespúcio pode ter procurado aumentar seu próprio prestígio em Portugal, declarando que suas cartas eram anteriores às de Pacheco, pois não havia em Portugal evidência do contrário”. Em outros termos, Tizio confia que sua afirmação seja aceita, já que não se lhe pode demonstrar a falsidade. Mas, Pacheco havia ou não realizado essa descoberta? Em caso negativo, Vespúcio não tinha necessidade de mentir. E, no entanto, se a descoberta pertencia a Pacheco, como se concebe fôsse ignorada em Portugal? E mesmo que assim fôsse, conhecia bem Vespúcio, que especulava sobre essa ignorância. Portanto, duplamente patife e fazendo jus a uma severa condenação?

Naturalmente, abstenho-me de tirar conclusões de semelhantes premissas: mas, logicamente, se esta é a moral de Davies, é o caso de dizer: fora com êfal

de setembro de 1504, mas impressa somente em 1505, se não mais exatamente em 1506 — sobre a carreira de Vespúcio, nessa época já naturalizado espanhol, ou em vias de naturalizar-se?

9. Pior ainda, como podia Vespúcio em 1501 vangloriar-se perante o governo português dos resultados de uma viagem... iniciada alguns meses depois e concluída no ano seguinte?

10. Seria possível que o governo português não soubesse — e Vespúcio, no entanto, sim! — que Pacheco chegara antes de Colombo à terra de Pária, em 1497?

11. Seria possível que, para obter informações acêrca da prioridade do desembarque na região de Pária, os governos espanhol e português dessem ouvidos às mentiras de um homem que apresentava como terminadas duas viagens invés de uma, e lhes alterava a data? Não dispunham então de outras e mais seguras fontes de informações? (5).

12. E' verossímil que, justamente por essas patifarias, as quais revertiam em seu prejuízo, tanto os espanhóis (interessados em sustentar a prioridade de Colombo) como os portugueses (dispostos a defender a prioridade de Pacheco) favorecessem Vespúcio? (6).

13. Crê realmente Davies que, dessa forma, conseguiu reabilitar, como diz, a reputação de Vespúcio?

Aqui me detenho. Mas poderia continuar. Pois bem, em contraposição a tôdas essas objeções, algumas das quais ridicularizam completamente as afirmações de Davies, nem uma frase, um acêno, uma palavra. Tudo que se faz é retornar, pura e simplesmente, às tais asserções, agravando-as porém de erros: por exemplo, diz que o litoral "do Cabo de la Roque" (*sic!*) ao Cabo de la Vela... Vespúcio conheceu-o em suas viagens de 1499 e de 1501". Mas

---

(5). — Mas depois, repetimos, Vespúcio teve relações com o governo português, pelo que sabemos, de 1501 a 1502, confirmando assim as cartas autênticas, e até 1504, coincidindo com a *Lettera al Soderini*. Mas esta apareceu somente no ano seguinte, ou mais exatamente em 1506. Logo, a falsidade imaginada por Davies não teria utilidade alguma.

Porém, o mais interessante é — como adverti — que esta *harmless deception* tenha conseguido enganar em Portugal os portugueses e na Espanha os espanhóis. Os governos destas duas nações, na época as potências marítimas melhor organizadas, estariam à espera das luzes advindas de um folheto publicado clandestinamente em Florença, em 1505 ou 1506, a fim de inteirar-se do que haviam feito os próprios navegantes 8 ou 9 anos antes!

Tudo que se pode dizer de tais fantasias é que chegam verdadeiramente ao grotesco!

(6). — Mas, afinal, concretamente, em que o teriam favorecido? Em Portugal, Vespúcio, após sua grande expedição de 1501-1502, não recebeu nada mais do que uma "Ordem" — como dizia o florentino Piero Rondinelli em sua carta de Sevilha de 3 de outubro de 1502 — isto é, em pobres palavras, uma Ordem Cavaleiresca.

é sabido *lippis et tonsoribus* (7) que a viagem vespuciana de 1501-1502 acabou ao sul do Cabo São Roque!

Em compensação, Davies não dispensa os banalíssimos lugares-comuns sobre Magnaghi e sobre aquêles que lhe adotaram a tese. Tudo, porém, com êste resultado: confirma o juízo que tenho a seu respeito e já expresso no artigo precedente. Nem êle, nem Levillier leram e compreenderam a obra do nosso estudioso. Grande parte das minhas críticas aos modernos “vespucistas” teve o propósito objetivo de induzi-los, e poderia dizer, de constrangê-los a reexaminar pacientemente, honestamente, tudo quanto Magnaghi escreveu a fim de justificar sua tese que constitui, apesar de tudo, o edifício mais sólido e construtivo erguido sobre as ruínas da historiografia vespuciana tradicional. Todavia, para chegar a compreender o real mérito da obra, urge abandonar exatamente aquela mentalidade apriorística e anti-histórica — imputada a Magnaghi — própria dos que não souberam nem lê-lo, nem meditá-lo. E Davies nos oferece agora, repito, mais uma prova (8).

Na Espanha, Vespúcio foi nomeado *piloto mayor* em 1508. Reconhecimento de seus méritos de explorador, de sua alta competência científica, de seu preparo cosmográfico, de sua lealdade? Nem por sonho! Davies prova que Vespúcio recebeu o cargo porque, roubando o mérito real ou suposto de Pacheco, assegurara à Espanha a prioridade da descoberta da região de Pária que, segundo as próprias declarações das testemunhas citadas no processo do Fisco, sabemos constituir uma das glórias de Colombo!

Incrível, mas verdade!

(7). — Parte da expressão latina “*omnibus et lippis notum et tonsoribus*”, in *Hor. Sat.*, 1, 7, 3, significando conhecido de todos, de conhecimento geral (Nota do tradutor).

(8). — Na realidade, êle não vai além de rerepresentar as costumeiras e inconsistentes censuras de Levillier: “se alguém deixa de lado toda evidência documentária que não se adapta a seu ponto de vista particular e a declara falsa, não resta então nenhuma base histórica para estudo”, p. 197. Palavras que traem por si só a total, fundamental, irremediável incompreensão da atitude crítica adotada por nosso estudioso. A “tese” de Magnaghi não parte de nenhum ponto de vista particular, mas sim, de duas bases *documentadas*, em torno das quais qualquer discussão ser’ia supérflua: que, isto é, Vespúcio, chamado em 1508 para a direção técnica da *Casa de Contratación*, não podia ser nem um ignorante nem um flibusteiro; e que sua amizade com Colombo é suficiente para excluir qualquer acusação que se lhe faça de ter tentado roubar a Colombo uma de suas glórias mais cobiçadas. Essas bases, naturalmente, se enriquecem com outros documentos que atestam a capacidade, honestidade, e cultura específica do florentino; mas não substituem de modo algum o trabalho filológico, histórico, cosmográfico, náutico, astronômico, etc... que impõe a averiguação do valor documentário das fontes, e em primeiro lugar das cartas.

Tais fontes, entretanto, se valorizam na medida em que são reconhecidas como genuínas e fidedignas. Fonte alguma, só pelo fato de ter sido considerada genuína e fidedigna no passado, deve ser acatada como verbo divino; tôdas elas, pelo contrário, devem ser avaliadas e reexaminadas continuamente, confrontadas com dados obtidos por intermédio de outras fontes consideradas seguras, e por outros meios. Pois bem, o mérito de Magnaghi é sobretudo ter esclarecido as relações existentes entre as diversas cartas atribuídas a Vespúcio, resolvendo definitivamente o equívoco que as envolvia, por força da chamada “tradição”. A tese é elaborada após essa averiguação e não antes dela, corroborando-a assim, com provas e argumentos tão importantes e numerosos como dantes não tivemos, não obstante três séculos de historiografia vespuciana.

Com isto não queremos dizer que Magnaghi tenha aprofundado todos os problemas vespucianos, coisa que êle próprio é o primeiro a reconhecer. E somente quando estiver completamente demolida sua estrutura, é que será possível negar à tese qualquer mérito. E não se logrará tal coisa opondo palavras a provas, negações a argumentos, verbosidade a documentos, como tem feito o senhor Levillier.

E isso explica porque não me posso espantar ante a “divagação” vespuciana de Davies. Cada garrafa dá o vinho que contém. Nos dariamos por

Finalmente, quanto ao que me diz respeito (9), vejo-me obrigado a esclarecer que, na observação dirigida por Davies a propósito de meu artigo: "Os problemas vespucianos e seus recentes estudiosos" (10), não há absolutamente repetição da conhecida tese de Magnaghi. O artigo em questão era e queria ser apenas uma resenha da literatura vespuciana do último século e não uma defesa obstinada daquela tese (11).

Isto pôsto, deixo ao leitor julgar se é assim que se pretende replicar a quem, nas críticas, apontou erros, confusões, despropósitos e absurdos a custo verossímeis. Logo, não me cabe a culpa desta polêmica terminar assim estérilmente: mas posso, em sã consciência, afirmar que Davies, procedendo dessa maneira, não persuade e jamais conseguirá persuadir alguém, caso pretenda aprofundar — ainda mais apressadamente que Levillier — questões que exigem exatidão, cultura específica, severo método científico e sobretudo paciência.

Segundo os chineses, povo de antiga sabedoria, a pior desgraça que pode atingir um homem é perder a "face". Pois bem, no campo dos estudos, não se salva a "face" com malabarismos e embustes e evitando, de um modo ou de outro a discussão, especialmente quando se quer dar a impressão de tê-la aceito.

**GIUSEPPE CARACI**

da Universidade de Roma.

---

satisfeitos se abandonassem o sistema de "não convencem", "não me parece justo", "é inadmissível", e outras coisas que tais. Fórmulas desse tipo são feitas — justamente — para favorecer a preguiça de quem não se quer submeter à fadiga de um contróle rigoroso e preciso.

- (9). — Davies sabe que meu nome é Caraci e não Caracci, como escreve em sua réplica.
- (10). — Publicado em "Bolletino Società Geografica Italiana", LXXXVII (1951), 241-260 e 325-346, e em "Studi Colombiani", Génova, 1952; II, 495-552 e traduzido em parte nesta *Revista*, III (1952), 311-351.
- (11). — A menos que não se chame assim apontar os erros e absurdos daqueles que não aderem a tal tese.